

A set of five horizontal white lines on the left side of the page, partially overlapping the title text.

Regimes passionais do MBL na eleição presidencial de 2018¹

JOSÉ LUIZ AIDAR PRADO

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil

VINICIUS PRATES

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil

ID 2107

Recebido em

30/03/2020

Aceito em

08/06/2020

O texto examina os posts do MBL no Facebook, em setembro e outubro de 2018, durante a campanha eleitoral para presidente, mapeando valores e regimes passionais. Buscamos enfrentar a seguinte questão de pesquisa: Como o enunciador MBL operou em seus contratos de comunicação para construir, em termos de valores, temas e afetos, seu discurso principal e como ajustou e interpretou vários fatos ocorridos durante a campanha para unificar o campo das direitas em torno da candidatura de Bolsonaro? Como essa construção se vinculou à polarização? A investigação visa, a partir da polarização do espectro de posições políticas, verificar os contratos de comunicação e respectivos percursos passionais do enunciador. A metodologia ancora-se na semiótica tensiva de Fontanille e Zilberberg.

Palavras-chave: Comunicação e política. Regimes passionais. MBL.

Regímenes de pasión de MBL en las elecciones presidenciales de 2018

El texto examina las publicaciones de MBL en Facebook en septiembre y octubre de 2018, durante la campaña electoral para presidente, mapeando valores y regímenes de pasión. Buscamos enfrentar la siguiente pregunta de investigación: ¿Cómo ha actuado el enunciador MBL en sus contratos de comunicación para construir, en términos de valores, temas y afectos, su discurso principal y cómo ajustó e interpretó varios hechos que ocurrieron durante la campaña para unificar el campo de derechos en torno a la candidatura de Bolsonaro? ¿Cómo se relacionó esta construcción con la polarización? La investigación tiene como objetivo, desde la polarización del espectro de posiciones políticas, verificar los contratos de comunicación y las rutas de pasión el enunciador. La metodología está anclada en la semiótica tensiva de Fontanille y Zilberberg.

Palabras clave: Comunicación y política. Regímenes de pasión. MBL.

Passionate regimes of MBL in the 2018 presidential campaign

In this paper we examine MBL posts in Facebook, from September to October 2018, during the campaign for presidential elections, in order to map values and passionate regimes. We face the following research question: How did MBL enunciator elaborate its communication contracts so as to build – in terms of values, themes and affections – its main discourse? How did it adjust and interpret various facts during the campaign in order to unify the right-wing field around Bolsonaro's candidacy? How was this construction linked to the political polarization? The investigation aims, from the polarization of the spectrum of political positions, to verify the communication contracts and the passionate paths of the enunciator. The methodology is anchored in the tensive semiotics of Fontanille and Zilberberg.

Keywords: Communication and politics. Passionate regimes. MBL.

Jose Luiz Aidar **PRADO**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: aidarprado@gmail.com

ORCID



Vinicius **PRATES**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CCL/UPM).

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: viniciusprates.vp@gmail.com

ORCID



Introdução

Neste artigo investigamos os regimes passionais que acompanham as narrativas de movimentos à direita do espectro político, concretizadas nas postagens do MBL durante a campanha eleitoral para presidente em 2018. Para tanto, seguiremos as seguintes etapas: a) apresentaremos em linhas gerais o Movimento Brasil Livre (MBL); b) de modo bastante sintético, caracterizaremos a polarização que se instaurou no país na ressaca de 2013, chegando ao impeachment de 2016 e culminando na eleição da extrema direita em 2018, abordando dois aspectos: a discursivização e a passionalização; c) nesse contexto, faremos a leitura de posts coletados no Facebook na página do MBL, em setembro e outubro de 2018, desde o atentado sofrido pelo então candidato Jair Bolsonaro, até o dia seguinte ao segundo turno, quando se encerrou o processo eleitoral, delineando os discursos que o atravessaram e os regimes passionais que presidiram as narrativas concretas nesses posts. A partir da semiótica discursiva, examinaremos como essa rede de afetos se acoplou aos discursos da polarização.

Nossa tese é que estudar apenas os discursos não esgota o entendimento desse processo de polarização; para que ele opere é preciso não somente um quadro discursivo amplo, que convoca aqueles que venham a se identificar com a plataforma, mas também o regime passional da cólera, acoplado a tais discursos. Veremos como o enunciador MBL, durante a última etapa da campanha eleitoral de 2018, operou, em seus contratos de comunicação, de modo a ajustar estrategicamente ao seu discurso a interpretação de uma série de “fatos” ocorridos durante a campanha e noticiados pela grande imprensa. As postagens cotidianas remetem sempre tais referências ao discurso principal e constroem as figuras do Mesmo (de uma direita) e do Outro (de uma esquerda) como antagonistas irreconciliáveis. Escrevemos “uma” direita e “uma” esquerda porque o contrato de comunicação constrói um simulacro de direita e outro de esquerda, apesar de existirem várias correntes sociais de direita e esquerda. O mapeamento dos posts foi feito considerando suas temáticas, figuras e afetos (PRADO, 2008, 2011, 2013, 2015a, 2015b, 2016a, 2016b, 2019; PRADO; PRATES, 2017, 2019a) num ambiente político altamente polarizado.

O MBL (Movimento Brasil Livre) foi fundado em 2014 e se mantém muito ativo nas redes sociais, nas quais estão seus principais canais de difusão de conteúdos. A página do MBL no Facebook tem aproximadamente 3,2 milhões de seguidores², e nela o movimento se define como: “uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera” (MBL, 2019). Kátia Baggio (2016) entende que seja pertinente qualificar o movimento como “ultraliberal”, para diferenciá-lo de outras manifestações da direita. Ela resgata uma proposição do Primeiro Congresso Nacional do MBL, realizado em 2015, que prevê o fim da função social da propriedade, cuja soberania nunca deveria ser relativizada em qualquer hipótese. A autora cita, ainda, uma ligação internacional do grupo, nos seguintes termos:

[o MBL] tem origem no *Students For Liberty* (SFL), fundado em 2008 na *Columbia University*, que tem como “missão” “empoderar jovens estudantes liberais” ou líderes estudantis “libertários”, e no ramal do SFL no Brasil, a organização *Estudantes Pela Liberdade* (EPL), com sede em Belo Horizonte” (BAGGIO, 2016, p. 8).

¹ Colaboraram para a seleção do material os membros da oficina Análise Política de Redes Sociais, graduandos em jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CCL/UPM). Este texto foi originalmente apresentado no 28º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, em 2019, mas posteriormente retrabalhado.

² Dados de fevereiro de 2019.

O movimento ganhou visibilidade durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Roussef, em 2015 (PRADO; PRATES, 2017), cresceu durante as eleições para cargos municipais em 2016 e chegou ao poder com vitórias expressivas – apoiando o então candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL) – de uma série de governadores e parlamentares nas eleições de 2018. Dois de seus fundadores e principais dirigentes conseguiram eleger-se com votações expressivas em eleições recentes: Fernando Holiday (DEM-SP) foi eleito vereador em São Paulo aos 20 anos de idade (o mais jovem da história da cidade) com mais de 40 mil votos; Kim Kataguiri (DEM-SP), nascido em 1996, foi eleito deputado federal com 465 mil votos.

A polarização

Desenvolvemos em detalhes o tema da polarização em outro artigo (PRADO, 2019). No presente texto, vamos examiná-lo sinteticamente, a fim de construir o quadro dos discursos que levaram a essa divisão das práticas discursivas em dois campos de enfrentamento. (ALONSO, 2016). Antes, porém, é preciso estabelecer uma ligação entre circulação e polarização. Sem essa conjunção não teria sido possível a consecução do impeachment e da vitória de Bolsonaro articulada pelas direitas. Sem dúvida, houve outros fatores a considerar nesse contexto, mas nosso interesse neste artigo está no discurso que permitiu a constituição da polarização. O que a circulação tem a ver com isso?

Na sociedade das indústrias culturais, ou sociedade da produção, da primeira metade do século 20, a circulação era uma passagem comunicacional entre enunciadores e públicos, ou emissores e receptores. Com a mudança para o pós-modernismo, na segunda metade do século, instaurou-se uma cultura das mídias, e a circulação tornou-se um processo mais complexo do que a passagem de um pólo emissor a um receptor. A recepção passou a ser cada vez mais ativa, na medida em que surgiram as novas mídias, em que o receptor de outrora começou a poder fazer suas próprias enunciações. Braga (2017) e Fausto Neto (2010, 2018) afirmam que nessa “sociedade em vias de midiaticização” a circulação se transformou em *locus* de negociação de sentidos: “no lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta de reconhecimento” (FAUSTO NETO, 2010, p. 11). Ou diríamos, pensando em nosso *corpus*, que a circulação é o *locus* de embates e de disputa pelos sentidos que totalizam os discursos.

Na polarização abordada neste texto, tanto as direitas como as esquerdas estão disputando uma pauta: de um lado, a pauta neoliberal e comportamental conservadora; e, de outro, a pauta democrática, de distribuição e reconhecimento (HONNET, 2011). Cada receptor que capta várias mensagens dentro de sua zona de pertencimento as dispara como emissor para inúmeros contatos. Para dar conta dessa nova dinâmica, Carlón (2018) propõe um dispositivo analítico que considera a hipermediatização da atual fase do capitalismo comunicacional. A sociedade moderna era, segundo Carlón (2018), midiática, e a pós-moderna, midiaticizada. Hipermediatização se refere a uma maior complexidade das comunicações na cultura das redes, tanto no que diz respeito à existência de vários sistemas midiáticos, como à emergência de novos enunciadores (os receptores em seu papel ativo), às operações em hipermídia, e a uma intensificação dos trânsitos (entre mídias massivas tradicionais e redes, com uso de telefonia e internet). Isso fica claro quando vemos como o MBL costura constantemente os novos fatos, que são apresentados nas mídias tradicionais, conforme seu discurso principal e seu *background* temático.

Esse processo foi agravado pelo repúdio à coisa pública, ao Estado e aos políticos, o que foi a grande característica dos movimentos que ocorreram a partir de junho de 2013 (PRADO, 2019). As jornadas de junho de 2013 são aquilo que, com o apoio em Badiou (1996), consideramos como *acontecimento*, que rompe um antigo regime de verdade, e num primeiro momento se mostra indecível: ele tem um máximo de potência e um mínimo de legibilidade (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001). O trabalho da política é o de dotação de sentidos para o que se apresentava como pura anomia, dando-lhe legibilidade por meio de

um discurso. É esse processo que faz surgir um novo regime de verdade, a partir do qual se desdobram sujeitos que lhe são fiéis. Os sentidos do acontecimento são disputados por sujeitos fiéis e por sujeitos reativos, sendo que os últimos recusam as consequências do acontecimento, como é aqui o caso do MBL. Dito nos termos de Laclau e Mouffe (2015), o acontecimento é a dispersão dos *momentos* de uma cadeia de equivalências simbólicas em *elementos flutuantes*, pela dissolução do ponto nodal que os mantinha coesos (até que a política irá reagrupá-los como *momentos* de uma nova rede, coligidos sob um novo ponto nodal).

Nesse caso, o MBL buscou recusar a potência de ruptura do acontecimento de 2013 (disputando os seus sentidos contra as esquerdas e contra outras direitas), criando os sentidos do “cidadão de bem”, avesso à “velha política”, que fora instaurada no grande pacto da redemocratização dos anos 1980, expresso na “Constituição Cidadã” de 1988. Segundo a leitura proposta pelo MBL, o “povo indignado” saiu às ruas nas jornadas de junho contra o arranjo político exaurido que propôs paulatinas reformas em direção a um estado de bem-estar social e uma política de reconhecimento das minorias e dos simbolicamente despossuídos. A Nova República, por essa visão, teria sido um arranjo de esquerda (tipificado pelo enunciador MBL como “comunista”), que reuniu políticos, artistas, professores, intelectuais, trabalhadores e mídia, com a promessa de uma pacificação social pela diminuição das desigualdades. Pacificação que nunca veio. As massas que tomaram as ruas, ainda de acordo com leitura proposta pela direita MBL, proclamaram o fracasso desse pacto: afirmaram que a promessa de fim da violência não foi cumprida pela tese do combate à desigualdade, e que “bandido bom é bandido morto”; que as reivindicações de reconhecimento comportamental foram muito longe e ameaçam a identidade da família; que o Estado ficou grande demais em sua intenção distributiva e onera as camadas médias; que os políticos que conduziram o regime democrático até então se tornaram uma casta de privilegiados (principalmente os do PT, os mais representativos – segundo o MBL – desse arranjo redistributivo de capitais materiais e simbólicos), e seus membros se locupletam, riem e se divertem num gozo cínico e escancarado, provocando o cidadão de bem. Em suma, esse foi o discurso ofertado ao povo verde-amarelo das ruas no pós 2013, principalmente a partir de 2014, segundo o trabalho semiótico de dotação de sentido proposto pelo Movimento Brasil Livre, e que clamou em 2018 por uma reação – em continuidade ao golpe de 2016 – comandada por Bolsonaro. A figura do “cidadão de bem” é, portanto, emblemática dessa posição enunciativa do MBL.

Esse repúdio foi espertamente debitado na figura do PT, que acabou por concentrar em si todo o mal, tornando-se o grande inimigo do país. Tal discurso paranóico levaria à prisão de Lula e a falas de destruição dos “petralhas” por parte dos bolsonaristas. Isso criou uma comunidade de ódio, que se propunha a salvar o país, sob a figura colorida do verde e amarelo, que se punha contra o vermelho, que passou a projetar o mal comunista. A produção de sentidos dessa comunidade se guiou pela intolerância, pela incapacidade de enfrentar os reais problemas da política e pelo ódio ao inimigo construído. Para dar conta desse percurso, nosso caminho metodológico foi o seguinte: traçar uma linha do tempo, a partir dos “fatos” marcados pela mídia hegemônica, e acompanhar os posts do MBL em sua ligação com os discursos mais amplos, nos quais as mensagens se apoiam. Só assim podemos discernir o processo de polarização e seus percursos passionais, que constituíram uma sociabilidade não dialógica, baseada no ódio e em valores repressivos, retentivos e reativos. Esse afeto não pode ser entendido sem considerarmos a organização dos valores semióticos construídos no nível fundamental e tensivo, mas também a organização passional nas narrativas breves dos posts (BUENO, 2015, p. 67), sempre ligadas aos discursos reativos mais amplos, como vimos. A cólera indica um enunciador condominializado (BUENO, 2015, p. 67). A indignação se coloca contra a corrupção, mas também contra a “incompetência” do Estado, a má qualidade dos serviços, etc. – temas que, em geral, aparecem também nas mídias tradicionais.

Os valores do “cidadão de bem”³ indignado são aqueles do privado, da carreira, do condomínio e da família (e aí entram em cena também as pautas comportamentais). Esse sujeito não entende os operadores da mistura, apenas os da triagem. Alexandre Bueno explica isso a partir da semiótica tensiva:

A partir de *Tensão e Significação*, de Fontanille e Zilberberg (2001), os valores em semiótica começam a ser pensados de forma gradativa e não somente de maneira discreta. Isso significa dizer que os valores passam a ser compreendidos como resultado da combinação entre elementos quantitativos e qualitativos. Assim, extensidade e intensidade são a primeira condição para a articulação do valor. Essa articulação pode ocorrer de duas formas: a conversa e a inversa, a partir dos operadores da triagem e da mistura, que estão no eixo da extensidade, e dos operadores de tonicidade e de atonicidade, presentes no eixo da intensidade. A combinação desses dois eixos pode gerar um regime participativo (a correlação conversa em que predomina a mistura) ou um regime exclusivo/de exclusão (a correlação inversa cujo predomínio é a triagem) (BUENO, 2015, p.59).⁴

No contrato de comunicação do MBL, enunciador e enunciatário estão frustrados com a política, irados em especial com o PT, com a corrupção generalizada no país, com o sequestro de gozo realizado pelas lutas de reconhecimento (que são acusadas de defesa de bandidos, de serem comunistas e vitimistas). Greimas (2014) usou um esquema para definir a cólera:

frustração → **descontentamento** → **agressividade**

Para Greimas (2014), o sujeito encolerizado se sente frustrado, num primeiro momento, em suas esperanças e direitos. Antes, portanto, da frustração, pode-se pensar em um estado original em que ele estaria dotado de esperanças e modalizado. Um sinônimo de frustrar é decepcionar; nosso sujeito está, portanto de início, frustrado-decepcionado. Há, por assim dizer, um gradiente, que vai da frustração, passando pelo descontentamento, até a agressividade. Em relação à espera, Greimas (2014) cita dois tipos: a) a espera simples, em que o sujeito se põe em relação com um objeto de valor; b) a espera fiduciária, a qual supõe relações modais com outro sujeito⁵. Neste texto estamos falando dessa segunda espera.

Antes de 2013, as direitas estavam recuadas, frustradas com a política e com os políticos, da mesma forma que parte das esquerdas, mas por razões diferentes. Se as esquerdas queriam mais liberdades, mais democracia e mais distribuição, as direitas investiram na reação contra a diversidade sexual e contra as lutas de reconhecimento (CAVA, 2013; ORTELLADO et al., 2013). A corrupção e a fisiologia foi uma pauta inicial comum de 2013. Mas, no pós-acontecimento, cada parte construiu seu caminho em termos de valores e de afetos. O campo das direitas se uniu, como vimos, contra as vitórias das lutas por reconhecimento, contra os

³ Entendemos que esta é uma questão interessante e que pode ser desenvolvida em trabalhos futuros, principalmente com apoio no que diz Christian Dunker (2015) e Isleide Fontenelle e Pozzebon (2018). Dunker desenvolve a ideia de um sujeito condominializado que é a marca da classe média do Brasil. Esse sujeito não trafega por espaços públicos, e está sempre se deslocando entre os espaços privados do shopping center, do condomínio e do prédio de escritórios de arquitetura corporativa. A política, para ele, deve ser feita pelos especialistas/políticos. Cabe mencionar que a família, enfatizada no discurso bolsonarista, também é da ordem do privado. Dessa forma, chegamos perto do que a própria Margareth Thatcher formulou nos anos 1980, e que é homologado pelos enunciadores dos discursos de direita desde então: a sociedade não existe, há indivíduos e há famílias. Talvez, segundo Dunker, haja condomínios... Fontenelle e Pozzebon, por outro lado, falam no sumiço do cidadão, que passa a ser tratado como consumidor pelo mercado e pelo Estado.

⁴ Citando Fontanille e Zilberberg (2001, p. 26-27).

⁵ Num momento zero do MBL, podemos imaginar um estado de insatisfação, de frustração, no pós-2013, com o governo petista e com a vitória de Dilma. A espera fiduciária leva o frustrado a esperar que algo se faça para resolver seus problemas. O percurso da cólera começa quando esse sujeito da espera perde a confiança, sente esse momento como quebra de contrato e aí começa a indignação. A cólera é, portanto, não o nome de uma paixão, mas de um processo afetivo. Em termos semióticos, o sujeito de estado tem expectativa de que o sujeito de fazer leve o de estado à conjunção com o objeto de valor. Os objetos de valor do MBL já vimos quais são: não corrupção, mercado livre, cidadania sem lutas da esquerda, etc. O PT não atendeu essas expectativas, aliás foi o sujeito escolhido como aquele que impediu o país de realizar tudo isso. Daí a indignação e a agressividade pela ruptura de um contrato imaginário. Há, na confiança, uma questão de crer.

movimentos de esquerda e contra o sequestro de gozo a que se sentiam submetidas. Essa reação aparece em várias figuras e falas no discurso das direitas descontentes: os “mortadelas”, os “pobres andando de avião”, os “negros das cotas”, tudo isso levando a um trânsito entre classes, a uma ascensão social, a uma mistura que ameaçou os valores absolutos das classes médias mais afortunadas, ou desejanter de sê-lo, que investiram, então, na semiótica da triagem. Os elementos passionais não compõem uma cadeia causal. Como diz Greimas (2014, p.248),

O desenvolvimento sintagmático da sequência pode se interromper a qualquer momento, dando lugar, a cada interrupção, a um estado passional prolongado: a insatisfação se dilui em ‘resignação’, a malevolência pode prolongar-se como ‘hostilidade’ e o desejo de vingança pode permanecer no estado de ‘ira’ sem que tal arranjo passional conduza a um fazer.

Nesse caso, a vingança veio com o impeachment de Dilma Rousseff, depois com a prisão de Lula, e com a própria eleição de Bolsonaro. Para Greimas (2014), a vingança pode ser definida como desejo de se vingar ou como ação:

- Como ressarcimento moral do ofendido mediante a punição do ofensor
- Como punição do ofensor que ressarce moralmente o ofendido

A direita do MBL assume esse regime da cólera vingativa, acima descrito, dominado pela malevolência, como vimos, prolongando-se no caminho da hostilidade, da agressividade e esvaziando a política democrática, que exige o diálogo para a construção social.

Os posts

Dado esse quadro discursivo mais amplo, é possível agora examinarmos os textos de nosso *corpus*. O período de coleta das postagens feitas pelo MBL começa em 5 de setembro, um dia antes do atentado sofrido por Jair Bolsonaro, atingido por uma facada desferida por Adélio Bispo de Oliveira (identificado como o agressor e preso no próprio local do ato) e se encerra um dia após o segundo turno da eleição presidencial, em 28 de outubro, quando já estava concluída a contagem dos votos e definida a vitória de Bolsonaro pelo Tribunal Superior Eleitoral. Nesse período, foram coletadas e triadas 1.215 postagens⁶. Nelas, ora os enunciadores realizam um trabalho semiótico, de longa duração, de instauração de uma plataforma discursiva (que chamaremos de “cotidianas”, ou de plataforma); ora trabalham no ajustamento de determinados eventos tematizados pela grande imprensa de modo a homologar os sentidos do *background* previamente construído (chamaremos estas postagens, seguindo o jargão do jornalismo, de “factuais”)⁷.

A pesquisa identificou que 37% das postagens lidam com a criação do Mesmo, e 63% figurativizam negativamente o Outro. Por vezes, há enunciados comparativos, nos quais os valores euforizados da direita são cotejados com os da esquerda, disforizada. Quando há um enunciado comparativo desse tipo, optamos por enquadrá-lo como referente ao Outro. Dentre os posts referentes ao Mesmo, 21% do total geral (os 1.215 posts) são anúncios convocatórios para eventos; 10% expressam apoio de políticos, artistas e outras

⁶ Devido a características técnicas das páginas de Facebook, principalmente as que têm muita atividade como a do MBL, pode ter havido durante este período mais postagens dos que as captadas, considerando as que não puderam ser recuperadas ou foram retiradas do ar pelos administradores da página.

⁷ No caso do artigo presente, a ênfase da análise está em verificar como o enunciatador adapta à plataforma discursiva já instaurada (e aqui examinada) as notícias “factuais”, apresentadas pela imprensa. Para isso, foi preciso verificar todas as postagens do período, porque as correspondentes à notícia factual nem sempre se esgotavam no dia do fato, totalizando as 1.215.

celebridades; 6% são explicações sobre posicionamentos ideológicos e comparações com outras situações ou países euforizados pelo MBL, principalmente com os Estados Unidos governados por Trump. Dentre os posts que lidam com o Outro, 41% do total geral disforizam a “velha política” representada sobretudo por partidos de esquerda, notadamente o PT, mas também o PSOL, o PCdoB, PSDB, Rede e partes do MDB, pelos sindicatos e movimentos sociais; outros 10% referem-se negativamente à imprensa e aos institutos de pesquisa (tomados como equivalentes), 5% à atuação da justiça, cerca de 4% a artistas; 2% a outros países, principalmente à Venezuela, tematizando-a como uma distopia socialista equivalente ao projeto petista.

a) Plataforma Discursiva

Vejam, inicialmente, as postagens cotidianas ligadas à plataforma discursiva da polarização, caracterizada na primeira parte do artigo. Nesse caso, os enunciadores se esforçam para mostrar os apoios de celebridades e políticos, a fim de apresentar quem comunga das mesmas ideias (a plataforma discursiva do movimento) e de desqualificar o adversário, configurando-o como inimigo perigoso e traidor a ser derrubado e combatido. As postagens do movimento demonstram que esse é o *background* temático que sustenta um discurso constante, que constrói um Outro malévolo a quem é atribuída uma série de predicados negativos, como a corrupção, o ódio, a vagabundagem etc., como se vê neste post de 6 de setembro de 2018, algumas horas antes do atentado a Jair Bolsonaro: “Junte-se ao grupo mais odiado por máfias de táxi/ artistas da Rede Globo /sindicalistas /desarmamentistas /doutrinadores /cuspidores /vagabundos e entre muitos outros” (MBL, *Online*, 2018). Ou então, em alusão à comemoração de 7 de setembro: “Primeiro grito de independência – Independência ou Morte. Segundo grito de independência – Fora Dilma! Fora PT!” (MBL, *Online*, 2018).

As esquerdas são tematizadas e figurativizadas como autoritárias. O MBL as unifica como se fossem homogêneas. Segundo o MBL, a esquerda hipocritamente acusa a direita de violência e autoritarismo, mas apoia ditaduras, como no seguinte post, publicado em 4 de outubro de 2018:

Em 06 de maio de 2017, o blog O Reacionário lembrou a entrevista concedida por Lula a [sic.] revista Playboy em 1979. Foi lá que o chefe da organização criminosa revelou sem pudor algum sua admiração por Adolf Hitler e outros carneiros como Mao, Aiatolá Khomeini. Você quer mesmo eleger quem representa este homem? (MBL, *Online*, 2018).

Em uma série de posts, essa tematização aparece quando o MBL acusa a esquerda de tentar obrigar, autoritariamente, artistas a se posicionarem a favor de Haddad, como o caso de Anitta ou Juliana Paz.

Por sua vez, artistas que se posicionam contra Bolsonaro como Roger Waters, Daniela Mercury, Caetano Veloso e José de Abreu, são colocados como hipócritas: segundo o movimento, eles dizem se preocupar com o povo, mas estão interessados no dinheiro da Lei Rouanet, vivem no ócio, são vagabundos e aproveitadores. O MBL divulgou, em 15 de outubro de 2018, um enunciado de Olavo de Carvalho no qual ele se dirige a Caetano Veloso: “Você está aterrorizado com a perda da boquinha” (MBL, *Online*, 2018). Além disso, Jair Bolsonaro fala pelo seu Twitter, reproduzido na página do MBL em 5 de outubro do mesmo ano: “EleNão: esse movimento é de artistas que ha [sic.] muito vem [sic.] mamando na Lei Rouanet” (MBL, *Online*, 2018). Da mesma forma, em outra postagem do movimento feita no dia 20 de outubro, pode-se ler: “Esses artistas não representam o povo e tão pouco [sic.] sofrem e se preocupam com o que o povo brasileiro vive na pele” (MBL, *Online*, 2018). A cadeia significativa é esta: enquanto o povo sofre, os artistas hipócritas celebram e gozam.

Nos poucos posts de política internacional, a Venezuela é descrita como uma ditadura de esquerda, e as eventuais diferenças entre o regime de Maduro e o PT são anuladas, tematizados como idênticos, conforme a postagem feita em 23 de setembro de 2018: “Na Venezuela o povo passa fome, enquanto o ditador Maduro janta numa churrascaria, fuma, bebe e se diverte (MBL, *Online*, 2018)”. Há um mais-gozar intolerável em Maduro e em Lula, que os iguala (Lula está na cadeia e não pode mais usufruir de lazer na praia, sítio, ou beber cachaça). Esses hábitos, comuns na classe média, como jantar numa churrascaria ou beber cachaça, são figurativizados nesse discurso de ódio como luxos ostentatórios de Lula e Maduro, caracterizando um sequestro de gozo.

Outra tematização das postagens do MBL são ataques à imprensa, que, segundo o seu enunciador, faz o jogo da esquerda. Isto ocorreria em veículos diversos, como *Folha de S. Paulo*, *Globo* e até mesmo *Veja*. “A imprensa”, quase sempre descrita dessa maneira genérica e homogeneizante, é parcial contra Bolsonaro, protege os elementos violentos da esquerda, como no seguinte post, de 11 de outubro:

Agressões contra direitistas têm [sic.] nome, rosto e filiação partidária, mas é muito cedo para generalizar. As supostas agressões contra esquerdistas ainda estão sob investigação, mas já tem muita conclusão da imprensa. Estranho, né? (MBL, *Online*, 2018).

Além disso, o movimento afirma que a imprensa espalha *fake news*, conforme o exemplo deste post de 16 de outubro de 2018: “inventa nazista apoiando Bolsonaro [...] inventa KKK apoiando Bolsonaro [...]” (MBL, *Online*, 2018). As acusações por vezes são diretas, como no caso desta publicação de 13 de outubro: “Grande imprensa e petistas espalham boatos de internet contra Bolsonaro” (MBL, *Online*, 2018). Ou ainda, em uma acusação ao *Jornal Nacional*, da Rede Globo, feita neste post também publicado em 13 de outubro: “O maior telejornal do país está deliberadamente espalhando boatos de internet. Esse é o nível que a imprensa chegou” (MBL, *Online*, 2018). Nem mesmo a revista *Veja*, historicamente conservadora e antipetista, está imune às acusações de petismo, como podemos ver neste post de 15 de outubro: “Revista *Veja* apaga referência de Haddad ao Kit Gay. É a imprensa mostrando o seu lado” (2MBL, *Online*, 2018), e neste, feito no mesmo dia: “Para ajudar PT, revista *Veja* altera matéria de 7 anos atrás” (MBL, *Online*, 2018).

Além da imprensa, a própria justiça tem de ser vigiada, porque ela tende a prejudicar Bolsonaro e ajudar o PT. Toffoli, quando assumiu a presidência do STF, foi chamado em manchete, no dia 23 de setembro de 2018, de “ex-advogado do PT”. Além disso, a justiça está pronta a censurar Bolsonaro, ao não deixá-lo falar no kit gay, tese defendida em publicação realizada pelo MBL em 16 de outubro de 2018. No limite, os militantes da direita do MBL deveriam ficar atentos a fraudes na urna eletrônica que beneficiariam seus rivais petistas, conforme o post também publicado em 16 de outubro: “Após reclamações de fraudes, Justiça Eleitoral quer registrar queixas contra urnas eletrônicas” (MBL, *Online*, 2018).

Dentre políticos e partidos, os posts atacam prioritariamente o PT, mas também, com muita ênfase, os presidenciáveis Ciro Gomes, do PDT, e Guilherme Boulos, do PSOL. Eventualmente, há ataques contra os candidatos Geraldo Alckmin, do PSDB, e Marina Silva, do REDE. Todos esses são considerados um grupo mais ou menos homogêneo ao qual o MBL e Bolsonaro se opõem. Mesmo quando há uma tentativa de desenvolver um texto mais reflexivo, que foge ao padrão dos “memes lacrados”, a definição do Mesmo se dá pela desqualificação de seus oponentes, coligidos numa espécie de frente única, que representa a velha política instaurada com a redemocratização do país, e contra a qual luta o “homem comum”, como se lê no seguinte post, de 8 de outubro de 2018:

O arranjo estabelecido após o fim do Regime Militar não conseguiu atender aos anseios da população, sequer chegou perto de garantir o que seus próprios pais fundadores estabeleceram. Ao mesmo tempo temos um sentimento de estafa e intolerância com tudo o que representa o velho. É a revolta do homem comum. Eric Balbinus, em O Reacionário. (MBL, *Online*, 2018).

Ou então, da seguinte maneira, comemorando a derrota dos adversários, após a apuração do primeiro turno das eleições, em 7 de outubro de 2018: “A velha política acabou: Dilma fora, Lindbergh fora, Requião fora, Suplicy fora” (MBL, *Online*, 2018).

A democracia estaria, nesse discurso do MBL, tomada por esquerdistas em suas instituições: a justiça, a imprensa e a universidade jogariam contra Bolsonaro. O homem comum, sem apoios importantes, diz a verdade em correntes de whatsapp, as verdades que a imprensa não mostra. Ao final, ele exulta com a vitória, sempre se identificando pelo negativo, por aquilo que ameaça a mesmidade do Mesmo: o PT, a Venezuela, o artista usurpador, o professor doutrinador, resumindo, o esquerdista insidioso; mesmo no dia em que se confirmou a vitória do candidato do PSL, em 28 de outubro de 2018, o bordão foi: “Nossa bandeira jamais será vermelha” e “PT nunca mais” (MBL, *Online*, 2018).

b) Postagens factuais

Examinemos de perto, agora, as postagens factuais relativas aos cinco eventos que emergiram durante as eleições, para entender como elas são conformadas no discurso do MBL. Aqui fica clara a metodologia que citamos anteriormente, de tratar a circulação das postagens a partir de uma linha do tempo construída, observando-se o *corpus* em conjunto com os “fatos” tematizados na mídia hegemônica. Como vimos, esses posts constroem o tema do evento em questão, mas sempre apelando ao discurso geral do MBL contra o inimigo perigoso, que faz a cola do pertencimento ao grupo. No período analisado, houve, a partir de um levantamento das capas do jornal *Folha de S. Paulo*⁸, cinco tematizações que tiveram importantes repercussões nas postagens da rede social, a saber: 1. O atentado contra Bolsonaro; 2. A substituição de Lula por Haddad; 3. A liberação da delação de Palocci; 4. A denúncia de que bolsonaristas pagaram pela difusão de mentiras contra o PT no whatsapp; e 5. As ações de autoridades contra manifestações políticas em campi universitários. Examinemos cada grupo:

1. *O atentado ao candidato do PSL, Jair Bolsonaro, em 6 de setembro de 2018*: a ocorrência implicou no acompanhamento de seu estado de saúde; na identificação das motivações do agressor (se pessoais, resultantes de um transtorno psíquico, ou parte de um complô político); nas reações de outros candidatos e partidos; e na viabilidade ou no desejo de Bolsonaro participar de entrevistas, debates e eventos de campanha, em virtude de seu estado de saúde, principalmente ao final do período de recuperação, quando ele já tinha recebido alta médica.

No próprio dia 6, até 15h34, haviam sido postadas 12 mensagens, cujos temas são os usuais do MBL: Lula figurativizado, “dando-se mal” em função da corrupção; os funcionários públicos federais são os mais ricos do país; o PT é corrupto; e assim por diante. A partir desse momento, começam os posts relacionados à facada em Bolsonaro, desferida pouco antes disso, que somaram mais 40 até o final do dia. Esses posts podem ser separados, por sua vez, em grupos temáticos:

⁸ As capas da *Folha de S. Paulo* foram analisadas uma a uma no período selecionado. Como é sabido pelos jornalistas, e corroborado pelos manuais de redação, como os da *Folha*, *Estadão* e *O Globo*, os critérios de noticiabilidade podem se referir ao dia a dia, à rotina de uma campanha eleitoral, o que os jornalistas chamam de notícias “frias”, ou podem ser mais “quentes”, o que ocorre quando um fato inusitado, mais agudo, com potencial de transformação de um processo em curso, se sobrepõe. Evidentemente, há gradações nisso, e a escolha dos fatos a analisar passou por um critério comparativo de potencial impacto na campanha, e que justamente foi acompanhado pelo enunciador MBL. Chegamos assim à conclusão de que os cinco fatos pontuais analisados nos ajudariam a entender como o Movimento Brasil Livre adaptava os enunciados inusitados da imprensa à sua base discursiva.

1.1. Uma série de posts acompanha a cirurgia de Bolsonaro, torcendo por sua recuperação: “Força, Bolsonaro!” (MBL, *Online*, 2018).

1.2. As esquerdas são figurativizadas como “violentas”. Nesse grupo, o perpetrador do atentado, Adélio Bispo de Oliveira, é nomeado como militante do PSOL por sete anos, como comunista e como equivalente a outros esquerdistas que pronunciaram falas violentas contra pessoas da direita: “Adélio, autor do crime, poderia ser Mauro Iasi [...], Wagner Freitas [...] ou Gleisi Hoffman [...]” (MBL, *Online*, 2018). Outro post afirma: “Dilma fez a declaração mais canalha sobre o atentado: o ódio quando você planta você colhe tempestade” (MBL, *Online*, 2018).

1.3. As esquerdas são figurativizadas como hipócritas. São posts nos quais o enunciador MBL afirma que a fachada foi um ataque à democracia; o PT e o PSOL, que se dizem defensores da democracia, pacifistas, na verdade são autoritários: “Ataque contra a democracia [...] e vem justamente da turma que diz defender a democracia” (MBL, *Online*, 2018). Outro post afirma: “E ainda tem esquerdistas inventando que foi falso” (MBL, *Online*, 2018). Apesar de desarmamentista, foi a esquerda que atacou, enquanto a direita manteve-se dentro da lei: “O sujeito anti-armamento tentou matá-lo com uma faca. Apoiadores de Bolsonaro – alguns armados – não revidaram, mas conduziram o militante comunista para uma delegacia. Entenderam?” (MBL, *Online*, 2018).

1.4. A ampliação do Outro-inimigo que, além do PT, inclui a imprensa, as redes sociais e os partidos que são tomados como equivalentes: “A imprensa, o Facebook, o Twitter e os partidos de extrema esquerda são eles os mentores intelectuais do atentado” (MBL, *Online*, 2018). Ou então: “Exercício mental: eleitor de Bolsonaro dá a fachada em algum petista. Imprensa chamaria o atentado de evento? O agressor de suspeito? Falaria em onda de ódio dos dois lados? Insinuaria que o petista é culpado por incitar ódio e divisão?” (MBL, *Online*, 2018). Finalmente: “Além de Jair Bolsonaro, o juiz Sérgio Moro é ameaçado de morte quase todos os dias. Esses fatos nunca são notícia” (MBL, *Online*, 2018).

2. *O abandono definitivo da candidatura de Luís Inácio Lula da Silva pelo PT*, em 11 de setembro, e sua substituição pelo então candidato a vice-presidente, Fernando Haddad, que a partir de então passou a contar com Manuela D’Ávila (PCdoB) como companheira de chapa. Essa tematização é analisada em conjunto com uma série de manchetes da imprensa com repercussões nas redes sociais citadas, que tratam de pesquisas eleitorais porque, àquela altura, saber se Haddad herdaria os votos de Lula era a principal questão em torno da substituição dos candidatos. A *Folha* lançou seis edições com manchetes sobre pesquisas eleitorais, que basicamente mostravam o crescimento de Haddad apoiado por Lula, que, assim, ultrapassava outros concorrentes, como Ciro Gomes, Geraldo Alckmin e Marina Silva, mas também – principalmente ao final do período – um crescimento consistente, embora menos agudo, de Bolsonaro, que já se encontrava à frente, indicando que o mesmo tinha grandes chances de vencer as eleições. Finalmente, nos dias seguintes ao primeiro e segundo turnos, 8 de outubro e 29 de outubro, as manchetes da *Folha* foram respectivamente – em “caixa-alta” – as seguintes: “ONDA DE DIREITA” e “BOLSONARO PRESIDENTE”. Nesse caso, os posts do MBL passaram a figurativizar negativamente Haddad sob dois aspectos:

2.1. O primeiro reforça que Haddad não tem vontade própria – é um “poste” do presidiário Lula e o ex-presidente preso continuará mandando a partir de sua cela em Curitiba. Para endossar a narrativa, o movimento prolifera memes que reproduzem provocações feitas por Bolsonaro. No dia 16 de outubro de 2018, foi publicado um meme dizendo que Haddad não vai aos debates porque “quem conversa com poste é bêbado” (MBL, *Online*, 2018). Dois dias antes, em outra publicação, Haddad foi chamado de “marmita de bandido” (MBL, *Online*, 2018), expressão machista deletéria sobre namoradas, amantes ou eventualmente prostitutas que vão até as penitenciárias encontrar os presos para fazer sexo nas visitas íntimas. Há ainda os que afirmam: se Haddad é Lula, Haddad deveria estar preso.

2.2. O segundo caso se relaciona aos posts nos quais Haddad é denominado corrupto e incompetente, a partir de sua principal experiência anterior, como prefeito de São Paulo. Ele é tido como o candidato

rejeitado, mau prefeito, que perdeu a eleição seguinte. Aparecem muitos posts em forma de lista: “Você sabe quem é Haddad?”, e ali são elencadas investigações de autoridades ou aquilo que o MBL considera como provas de má gestão. Assim, a figura de Haddad é construída de modo ambíguo: ele é corrupto, mau gestor, incompetente (como teria demonstrado na prefeitura), mas ao mesmo tempo não tem vontade própria, é vazio, subordinado. Essas duas representações não se misturam em um post único, mas vão sendo reproduzidas alternadamente.

3. *A liberação de trechos da delação do ex-ministro do governo Lula, Antônio Palocci*, em 1º de outubro, realizada pelo então juiz da 13a. Vara Federal de Curitiba e posterior Ministro da Justiça de Bolsonaro, Sérgio Moro.

O ex-ministro de Lula é tomado pelo MBL como enunciador da verdade em suas delações. Ao contrário da desconfiança que demonstra em relação à imprensa ou eventualmente, a membros do STF, políticos, e assim por diante, não há qualquer menção a circunstâncias atenuadoras à fala de Palocci (como o fato de ser beneficiado por um programa de delação premiada). “Fala tudo, Palocci!” (MBL, *Online*, 2018), exclama um post feito em 11 de setembro. Há chamadas em tom de urgência como na publicação de 1º de outubro: “Agora é um ex-ministro do próprio Lula falando que ele e as empreiteiras tiraram dinheiro do povo para bancar o próprio luxo. Vem mais condenação por aí! A informação é do Antagonista” (MBL, *Online*, 2018). No mesmo dia o MBL postou o seguinte: “URGENTE! Ex-ministro de Lula, Palocci confirma em delação que sítio em Atibaia do ex-presidente fazia parte de esquema criminoso instalado pelo PT!” (MBL, *Online*, 2018). Em 9 de outubro, mais uma publicação sobre o assunto:

Palocci diz que a nacionalização do pré-sal não era para beneficiar o povo, mas sim para favorecer empreiteiras amigas. Mais uma vez fica provado: o desenvolvimento não passa de um argumento burro que esconde as pretensões criminosas dos que desejam aparelhar o Estado. (MBL, *Online*, 2018).

Há, ainda, posts que tratam de espriar para outros candidatos os efeitos negativos da delação, como a publicação feita em 14 de outubro: “Viu a delação de Palocci? Sabe quem era ministro de Lula na Época? Fernando Haddad, Marina Silva, Ciro Gomes, José Dirceu. Ter memória faz bem” (MBL, 2018).

4. *Reportagens sobre as fake news*. Uma série de reportagens da *Folha de S. Paulo*, a partir de 18 de outubro, começa com a seguinte manchete: “Empresas bancam disparo de mensagens anti-PT nas redes”. Elas informavam que uma empresa chamada CrocServices foi contratada por empresários, por uma soma milionária, em dinheiro não declarado como doação de campanha, para alimentar redes sociais (principalmente os grupos de whatsapp) com mentiras que simulavam notícias de imprensa, as *fake news*, contra a esquerda em geral e o PT em particular. O MBL desqualifica as denúncias da imprensa (principalmente da *Folha*, que primeiro saiu com o “furo”). Sua principal tática é insinuar que há apoiadores suficientes dentre os eleitores da direita para prescindir da convocação de exércitos de robôs virtuais. As denúncias não são diretamente confrontadas, mas são assimiladas e revertidas por meio de ironia. É o caso, por exemplo, do seguinte post, publicado em 20 de outubro, que só faz sentido nesse contexto: “E aí, mandaram muito meme pelo zap hoje?” (MBL, *Online*, 2018), ou de outra publicação feita no mesmo dia: “Atenção todos os robôs do Brasil, amanhã é dia de voltar às ruas para defender nossa nação! Ou você vai, ou o PT volta!” (MBL, *Online*, 2018).

5. *Polícias das universidades*. Várias ações coordenadas das polícias locais ou da Polícia Federal, na semana iniciada em 22 de outubro, ocorrem em universidades, coibindo manifestações políticas, mesmo que genéricas (como uma faixa pintada contra o “fascismo”). Essas intervenções foram repudiadas pelo Supremo Tribunal Federal e pela Procuradoria Geral da República (manchete da *Folha* do dia 27 de outubro de 2018). No episódio das ações nas universidades, o MBL se mostra francamente favorável às forças policiais. Os posts tematizam a universidade como “aparelhada” pelas esquerdas, o que deveria ser coibido com a ação da lei. São postagens como a seguinte, publicada em 26 de outubro:

“Fazer militância política aparelhando o que é público é de uma imoralidade monstruosa, de um totalitarismo delirante. É obrigar toda a sociedade a financiar os meios de poder de um partido. É antidemocrático por definição. Este câncer tem que ser combatido, e a Justiça Eleitoral agiu com rapidez combatendo o mal na raiz” (MBL, *Online*, 2018).

Ou então, as que demonstram mal-estar com membros do STF após a corte ter impedido que as ações policiais prosseguissem. Também no dia 26 de outubro, Luís Roberto Barroso e Gilmar Mendes foram alvos de ataques, como mostram os posts: “A polícia, como regra, só deve entrar numa universidade se for para estudar’ – disse Barroso, aquele que nunca deixou de usar a toga para esconder seu radicalismo de esquerda.” (MBL, *Online*, 2018); e “Gilmar quer que tudo continue como está – com as esquerdas aparelhando universidades e usando recursos públicos em seus planos criminosos de poder” (MBL, *Online*, 2018).

Considerações finais

Ao analisarmos as publicações do MBL no Facebook, no período de 5 de setembro a 28 de outubro de 2018, observamos que quando as postagens se relacionam a notícias da imprensa, elas passam por uma espécie de tratamento semiótico, no qual o enunciador se esforça nos posts factuais para dotá-las de sentidos que homologuem o *background* discursivo constituído pacientemente nos posts ditos cotidianos (ligados à plataforma discursiva mais ampla da polarização), ou seja, os valores liberais conservadores e o regime passional colérico. A imprensa não diz a verdade, a não ser que ela esteja submetida ao regime de verdade construído pelo próprio MBL, ou seja, a verdade da direita. De um lado, portanto, há os discursos mais amplos da polarização (contra a corrupção, a imprensa, o petismo, etc.), e, de outro, as narrativas mais apegadas aos fatos que se sucedem no varejo do cotidiano político. Todos são passionalizados pelo fluxo da cólera, como vimos.

No caso da facada em Bolsonaro, não há dúvida no ocorrido do fato noticiado pela imprensa (o ato violento contra o candidato, que corrobora a ideia de que o Outro-inimigo, ampliado, é autoritário e violento), mas quando as motivações do agressor são relativizadas pelo clima de ódio ou tomadas como sendo fruto de um impulso pessoal de um desequilibrado, o enunciador se revolta.

Quando se observa o episódio da delação de Palocci, o MBL não manifesta dúvidas ou hesitações: os complôs desaparecem, e aquilo que o ex-ministro fala para a força tarefa da Lava Jato (sempre euforizada) é uma expressão verdadeira sem matizes.

Já no impedimento da candidatura de Lula e de sua substituição por Haddad, o trabalho do enunciador é de revestir a figura do ex-prefeito de São Paulo dos mesmos atributos negativos já construídos ao longo dos anos sobre Lula nos posts cotidianos. Aqui não é preciso muita sutileza: se Haddad é Lula, Haddad é uma representação do mal absoluto, como a figura de Lula já fora anteriormente construída.

E, ainda, quando o MBL trata da denúncia da *Folha de S. Paulo* sobre o pagamento de postagens contendo *fake news* contra o PT (o que em tese seria crime eleitoral), a estratégia do enunciador volta a ser a de desqualificação dos acusadores, por meio de ironias. A *Folha* se torna então um equivalente das esquerdas que, com Alckmin, Ciro e Marina, formam a velha política instaurada no processo de redemocratização dos anos 1980.

Finalmente, no episódio estudado das ações contras as manifestações políticas dentro das universidades, o MBL se mantém intransigentemente a favor das forças de repressão. E os mblistas vibram quando os campi são invadidos, figurativizados cotidianamente como lugar de gozo, de vagabundagem, do sexo e da maconha, cujos “habitantes” vivem das boquinhas bancadas pelo trabalho duro do “cidadão de bem”.

Assim, as massas conservadoras das direitas, guiadas pelos memes e pelas *fake news*, se deliciaram com as mensagens de uma comunidade imaginada de pertencimento, que se orienta pelo discurso ideológico da polarização; nesse sentido, polarização significa despolitização, em que as lutas pelo reconhecimento são estereotipadas e marcadas com o signo do mal. As verdades factuais são, para o MBL, exclusivamente aquelas que homologam o *background* discursivo (negativo) constituído cotidianamente contra o inimigo, e então não há contestação; o que não pode se enquadrar na homologia é lido então como *fake news* produzidas e difundidas pelo Outro-inimigo ampliado: os políticos do PT, do PSOL, do PSDB, do PCdoB, mas também a imprensa, a justiça, as universidades, os artistas, a ONU. As figuras do kit gay e da mamadeira de piroca materializam a figura do mal, e de nada adianta ficar denunciando-as como inverdades; elas são metafóricas e prescindem da verdade, exigindo apenas um traço que apresenta e tipifica a malignidade do inimigo. Contra o inimigo asqueroso e perigoso, essa direita se constitui como defensora do país, construindo uma sociabilidade nas redes em torno do regime colérico indignado e de uma identidade de pertencimento a um conjunto imaginariamente salvador. Nesse sentido, essas mensagens são construídas a partir do percurso passional da malevolência e da intolerância. Fazer política aqui é retirar do campo de debates as esquerdas, acusá-las, segregá-las, separá-las. Numa cultura de consumo em que os produtos físicos são substituídos pelos valores imateriais, o fato que provoca a indignação também desaparece, já não importa, funcionando como significante vazio⁹. Os sujeitos modalizados estão mais preocupados em materializar o objeto que une “os cidadãos de bem” contra os inimigos, do que em apelar à verdade. O que comanda a referência dos discursos não é mais o fato, mas a união ao redor de imagens e ideias conservadoras unificadoras de identidades.

O MBL conseguiu angariar uma multidão de seguidores, eleger deputados e senadores, e se tornar um dos grupos políticos mais influentes do país. O uso das redes sociais por si só não explica esse sucesso, já que outros grupos à direita e à esquerda também a utilizaram. Por meio das análises apresentadas neste artigo, buscamos mapear que estratégias discursivas foram adotadas e como o MBL construiu esse circuito dos afetos (de constituição de um Outro vagabundo, malévolo, sequestrador do gozo da classe média condominializada) que foi tão eficiente na modulação do percurso passional da do sujeito indignado.

⁹ Quando nos referimos ao significante vazio é no sentido de Laclau (LACLAU; MOUFEE, 2015), e entendemos que uma aproximação entre a obra deste autor e a semiótica tensiva pode ser feita por meio do conceito de acontecimento. Para Fontanille e Zilberberg (2001), os discursos se originam num cenário de máxima intensidade e mínima legibilidade, respondendo à emergência do acontecimento, que rompe a legibilidade de uma dada situação. Esses discursos competem para dar sentido ao acontecimento e a partir daí tentam dar legibilidade ao imprevisível, enquanto perdem em intensidade. No marco zero acontecimental, as potências estão postas em marcha, mas não estão recobertas por significantes que lhes dêem sentido. Laclau entende esse marco como sendo o de ruptura da cadeia significante, que se desagrega de uma linhagem de “momentos” coligidos por um significante vazio (colocado no lugar de ponto nodal) para se dispersarem em “elementos” flutuantes. Esses elementos só formarão uma nova rede de equivalências simbólicas, i.e., um discurso articulado, a partir da hora em que forem coligidos por um novo ponto nodal. Por tais teorias discursivas, o “domínio do empírico” não tem seus sentidos identificáveis *a priori*, e só o será por meio de um discurso que eventualmente venha a se tornar hegemônico – justamente dotando de legibilidade *a posteriori* o evento do qual se originou essa disputa. Assim, não há discurso sem dispositivo, que reúne leis, regulamentos, práticas variadas etc. Nesse sentido do dispositivo, tudo passa pelo discurso e pela linguagem e apresenta um percurso passional.

Referências

ALONSO, A. A política das ruas. **Folha de S. Paulo**, 25 set. 2016. Ilustríssima.

BADIOU, A. **Ser e acontecimento**. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1996.

BAGGIO, K. G. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latinoamericanas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC. 12, 2016, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UFMS, 2016.

BUENO, A. M. Para uma gramática da intolerância. In: **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v.10, jan./jun. 2015.

BRAGA, J.L.W. et al. **Matrizes interacionais** - a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2017.

CARLÓN, M. **La cultura mediática contemporánea**: otro motor, otra combustión (Segunda apropiación de la Teoría de la Comunicación de Eliseo Verón: la dimensión espacial). No prelo, 2018.

CAVA, B. **A multidão vai ao deserto**. As manifestações no Brasil em 2013. São Paulo: Annablume, 2013.

FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. In: **Rizoma**, v.6, n.2, p.8. Santa Cruz do Sul, dez. 2018.

_____. A circulação além das bordas. **Mediatización, sociedad y sentido**: diálogos Brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Humanitas, 2001.

FONTENELLE, I.; POZZEBON, M. . A dialectical reflection on the emergence of the 'citizen as consumer' as neoliberal citizenship: the 2013 Brazilian protests illustration. **Journal of Consumer Culture**, v.1, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1469540518806939>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II**. Ensaios semióticos. São Paulo: Edusp/Nankin, 2014.

HONNETH, A. **La sociedad del desprecio**. Madri: Editorial Trotta, 2011.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista**. São Paulo: Intermeios, 2015.

ORTELLADO, P.; JUDENSAIDER, E.; POMAR, M. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

PRADO, J.L.A. Polarização e insatisfação midiáticas no capitalismo comunicacional: como manter a democracia. In: CASTRO, P.C. (Org.) **Mediatização e reconfigurações da democracia representativa**. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2019.

_____. Comunicação e reinvenção acontecimental da política. In: JESUS, E.; TRINDADE, E.; JANOTTI JR., J.; ROXO, M. **Reinvenção comunicacional da política**. Brasília: Compós/Edufba, 2016a.

_____. Afetos em confronto. Quem vai para a rua? Palestra apresentada no **Seminário Afetos**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2016b (inédito).

_____. Da convocação da alma gêmea ao acontecimento amoroso. In: PINHEIRO, A.; SALLES, C. **Jornalismo expandido**. Práticas, sujeitos e relatos entrelaçados. São Paulo: Intermeios, 2015a.

_____. Comunicação como epistemologia do sul: do reconhecimento à emergência do acontecimento. **Matrizes**, v.9, n.2, p. 109-125, jul./dez. 2015b.

_____. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ, 2013.

_____. **Regime de visibilidade em revistas**. São Paulo: PUC-SP, 2011. 1 DVD.

_____. **A invenção do Mesmo e do Outro na mídia semanal**. São Paulo: PUC-SP, Um dia sete dias – Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa, 2008. 1 DVD.

PRADO, J.L.A.; PRATES, V. O afastamento de Dilma Rousseff: afetos e discursos em disputa na política. **Revista Famecos**, v.26, n.2, 2019a. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2019.2>>. Acesso em: 10 dez 2019a.

_____. O significante “povo brasileiro” na crise política do impeachment de Dilma Rousseff. In: PRIOR, Hélder; GUAZINA, Liziane; ARAÚJO, Bruno. (Orgs.). **(Des)construindo uma queda**: a mídia e o impeachment de Dilma Rousseff. Florianópolis: Insular, 2019b. p. 47-66.

_____. (Orgs.). **Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho do estudo

José Luiz Aidar Prado, Vinicius Prates.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados

José Luiz Aidar Prado, Vinicius Prates.

Redação do manuscrito

José Luiz Aidar Prado, Vinicius Prates.

Revisão crítica do conteúdo intelectual

José Luiz Aidar Prado, Vinicius Prates.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Faz parte dos projetos de pesquisa “Afetos e pulsões na cultura de consumo no capitalismo comunicacional” (Aidar) e “Análise discursiva em mídias jornalísticas e sociais” (Prates).

Fontes de financiamento

José Luiz Aidar Prado tem bolsa de produtividade CNPq 1A. Processo 304749/2017-6.

Considerações éticas

Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

Apresentação anterior

Uma versão anterior foi apresentada no 28º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, em 2019.

Agradecimentos/Contribuições adicionais [a critério dos autores]

Colaboraram para a seleção do material os membros da oficina Análise Política de Redes Sociais, que são graduandos em jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CCL/UPM).